



VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE INVESTIGAÇÃO EM PSICOLOGIA

Livro de Atas

VIII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia

Organizadores

Anabela Pereira, Manuela Calheiros, Paula Vagos, Inês Direito, Sara Monteiro, Carlos Fernandes da Silva, & Ana Allen Gomes

Editor: Associação Portuguesa de Psicologia

ISBN: 978-989-96606-1-8

Adaptação e validação da "Escala de Auto-Avaliações Nucleares" em contextos desportivos

Joana Maria Osório, Rui Manuel Sofia, & José Fernando Cruz
Escola de Psicologia, Universidade do Minho

Resumo: O conceito de auto-avaliações nucleares agrega características disposicionais de personalidade que reflectem as avaliações mais "centrais" que os indivíduos fazem acerca de si próprios (Judge & Bono, 2001), nomeadamente as crenças de auto-eficácia generalizada, locus de controlo, auto-estima e estabilidade emocional. A EA-AN - Escala de Auto-Avaliações Nucleares (Core Self-Evaluations Scale; Judge, Erez, Bono & Thoresen, 2003) engloba a avaliação, de forma combinada, destes quatro traços. Num estudo de adaptação da escala para o contexto desportivo português, uma análise factorial exploratória revelou uma estrutura unidimensional congruente com a versão original e com boa consistência interna. No seguimento, este estudo pretende explorar com maior detalhe as propriedades psicométricas desta escala recorrendo a uma análise factorial exploratória e analisando a sua relação com avaliações cognitivas e estratégias de auto-regulação.

Palavras-chave: Auto-avalições nucleares, desporto, avaliação psicológica.

INTRODUÇÃO

O conceito de auto-avaliações nucleares foi originalmente desenvolvido por Judge, Locke e Durham (1997), pela necessidade de conjugar encontrar um preditor significativo de satisfação e desempenho no trabalho, bem como em outros contextos de realização. Em termos gerais, as auto-avaliações nucleares reflectem a avaliação mais fundamental que os indivíduos fazem acerca de si próprios. No desenvolvimento deste conceito, Judge e colaboradores (1997) procuraram na literatura traços disposicionais que fossem auto-avaliativos, fundamentais e gerais, tendo identificado a auto-estima, a auto-eficácia generalizada, a neuroticismo e o locus de controlo. Neste sentido, o conceito de auto-avaliação nuclear foi definido como:

"um traço geral, latente, de ordem elevada (higher-order) indicado por quatro traços consistentemente aceites na literatura da personalidade: (1) auto-estima, o valor geral que um individuo tem acerca de si próprio enquanto pessoa (Harter, 1990); (2) auto-eficácia generalizada, uma avaliação acerca da capacidade do individuo ter um bom desempenho em diversas situações (Locke, McClellan, & Knight, 1996); (3) neuroticismo, a tendência para ter um estilo cognitivo negativista e para se focar em aspectos negativos de si próprio (Watson, 2000); e (4) locus de controlo, crenças acerca das causas dos acontecimentos na vida do individuo – locus é interno quando os indivíduos vêem os acontecimentos como sendo causados pelo seu próprio comportamento (Rotter, 1966)" (Judge, Erez, Bono, & Thoresen, 2003, p. 303).

Os quatro traços constituintes das auto-avaliações nucleares são dos mais estudados na literatura sobre personalidade (Bono & Judge, 2003; Judge & Bono, 2001; Judge et al., 2003), embora Judge e Bono (2001) refiram que a maioria dos estudos não contempla mais do que uma ou duas destas variáveis, estudadas isoladamente. Contudo, estas variáveis não só partilham similaridades conceptuais, como se mostraram correlacionadas entre si quando estudadas simultaneamente. Estes estudos foram resumidos por Judge e Bono (2001) numa meta-análise em que exploraram a relação destas variáveis com a satisfação no trabalho. Posteriormente, Judge, Erez, Bono e Thoresen (2002) concluíram que a variância partilhada entre as quatro variáveis disposicionais poderia ser explicada por apenas um factor latente de ordem superior. Este estaria associado a uma auto-avaliação positiva mais geral, a auto-avaliação nuclear (Bono & Judge, 2003; Kammeyer-Mueller, Judge, & Scott, 2009).

Tendo em conta a evidência para este factor de ordem superior, Judge e colaboradores (2003) construíram uma escala que media directamente o constructo de auto-avaliações nucleares, a *Core Self-Evaluations Scale (CSES)* (Judge et al., 2003). A escala foi construída através da selecção de 12 itens que reflectiam os aspectos comuns entre os vários constructos associados. A escala obtida era constituída, conforme previsto, por um factor e apresentava uma boa consistência interna (*Alpha* de Cronbach médio de .84), estando correlacionada significativamente com escalas independentes dos constructos associados. A escala foi, subsequentemente, aplicada num número significativo de estudos sobre auto-avaliações nucleares, tendo também sido validada para alemão em dois estudos independentes: o de Heilmann e Jonas (2010), que revelou uma estrutura de um factor congruente com o estudo original e boa consistência interna (*Alpha* de Cronbach entre .75 e .79) e o de Stumpp, Muck, Hülsheger, Judge, & Maier (2010), que também corroborou um bom ajustamento do modelo de um factor.

Indivíduos com auto-avaliações mais positivas tendem a comportar-se "de forma positiva nas várias situações; estes vêem-se como competentes, valorizados e em controlo das suas vidas" (Judge, Van Vianen, & De Pater, 2004, p. 326). Deste modo, este conceito está associado a diversos aspectos positivos em contextos de trabalho (Judge, Bono, & Locke, 2000; Judge, Locke, Durham, & Kluger, 1998). Evidência para esta relação surgiu primeiramente no estudo de Judge e colaboradores (1998), o qual recorreu a três amostras diferentes. Em todas as amostras encontrou-se uma relação positiva entre a satisfação no trabalho e as auto-avaliações nucleares. De igual modo, a meta-análise realizada por Judge e Bono (2001) encontrou um total de 169 associações entre os traços de auto-avaliações nucleares e a satisfação no trabalho. Quando os quatro factores foram considerados como um único traço, a correlação com satisfação no trabalho foi ainda superior.

Adicionalmente, outros estudos centraram-se na relação das auto-avaliações nucleares com outras variáveis relacionadas com a satisfação no trabalho e na vida. Judge e colaboradores (2002) verificaram que as auto-avaliações nucleares estavam relacionadas com a satisfação com a vida, felicidade, menor stress no trabalho e menos sintomas físicos de esforço. Além disso, Brunborg (2008) demonstrou que as auto-avaliações nucleares tinham uma associação negativa com stress no trabalho, e que eram o seu único e maior preditor.

Em estudos que procuraram estudar a relação entre as auto-avaliações nucleares e a satisfação e desempenho no trabalho, verificou-se que a complexidade e as características da tarefa eram mediadoras desta relação (Erez & Judge, 2001; Srivastava, Locke, Judge, & Adams, 2010). No estudo de Srivastava e colaboradores (2010), os indivíduos com auto-avaliações nucleares mais positivas procuravam resolver problemas ou cumprir tarefas mais complexas, e estas aumentavam a sua satisfação perante a tarefa ou o trabalho. Estes estudos corroboraram, assim, a ligação entre as auto-avaliações nucleares e a definição de objectivos, a acção orientada para os objectivos e o desempenho.

De igual forma, a motivação também parece ser um importante mediador de relação auto-avaliações nucleares e desempenho no trabalho. Judge, Erez, e Bono (1998) consideram que indivíduos com auto-avaliações mais positivas tendem a estar mais motivados no seu trabalho. De facto, Erez e Judge (2001) realizaram dois estudos para avaliar esta relação. Num contexto laboratorial, verificaram que as auto-avaliações nucleares estavam relacionadas com a motivação, persistência, e desempenho num tarefa. De igual modo, num estudo de campo com agentes de seguro, observaram que as auto-avaliações nucleares estavam associadas positivamente com a comprometimento com objectivos, auto-estabelecimento de objectivos, nível de actividade, motivação e desempenho na realização de vendas. Em ambos os estudos a motivação mediou a relação entre auto-avaliações nucleares e desempenho no trabalho.

Partindo do pressuposto que as auto-avaliações nucleares modelam reacções a situações específicas, estando na origem das diferenças individuais na avaliação de situações potencialmente geradoras de stress, nas reacções emocionais e na selecção de estratégias para lidar com as mesmas, Kammeyer-Mueller e colaboradores (2009) procuraram estudar o impacto das auto-avaliações nucleares nos processos de coping.. Segundo Lazarus e Folkman (1984), uma situação de stress é gerada quando os indivíduos sentem que os seus recursos como insuficientes para lidar com as exigências de uma situação. Neste sentido, os indivíduos com auto-avaliações nucleares mais positivas, ao terem um sentimento de controlo mais elevado sobre os acontecimentos da sua vida, seriam menos susceptíveis à percepção de stressores no seu ambiente (Harris, Harvey, & Kacmar, 2009). Efectivamente, Kammeyer-Mueller e colaboradores (2009) mostraram que os indivíduos com auto-avaliações nucleares mais positivas percepcionavam menos stressores, tinham menos respostas de stress e utilizavam estratégias de coping menos orientadas para o evitamento e mais para a resolução de problemas. Harris e colaboradores (2009) sugerem ainda que as auto-avaliações nucleares podem atenuar o impacto negativo dos stressores na satisfação no trabalho, pelo facto de que os indivíduos com auto-avaliações nucleares mais positivas terem uma percepção mais positiva de si próprios, sentindo-se menos ameaçados pelos stressores sociais, bem como possuírem mais percepções de controlo sobre as situações que os despoletam.

Os estudos levados a cabo sobre o impacto auto-avaliações nucleares para a predição do desempenho e satisfação no trabalho sugerem a importância do seu estudo em outros contextos de rendimento. Nesse sentido, o objectivo do presente trabalho é proceder à adaptação da escala de auto-avaliações nucleares para português, com o intuito de a aplicar em vários contextos de rendimento, neste caso, o desporto. Tendo por base a relação destas auto-avaliações com variáveis fundamentalmente relacionadas com o desempenho, procurámos também explorar a sua relação com processos de avaliação cognitiva e processos de auto-regulação, como é o caso do auto-controlo e das estratégias de regulação emocional.

METODOLOGIA

Participantes

Neste estudo recorreu-se a duas amostras independentes. A amostra 1 inclui 226 atletas de diversas modalidades, nomeadamente, ténis, futsal, basquetebol, kickboxing, judo, taekwondo, rãguebi, badmington, hóquei em patins, natação e voleibol. Destes, 153 são do sexo masculino e 68 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 15 e os 39 anos de idade ($M = 21,75$; $DP = 6,48$). A amostra 2 é constituída por 94 atletas (47,9% feminino), com idades entre os 15 e 34 anos ($M=20,97$; $DP=4,24$), representantes de várias modalidades colectivas e individuais, nomeadamente andebol, natação, esgrima, ténis de mesa, remo, futebol, basquetebol, patinagem artística, voleibol, canoagem e xadrez.

Instrumentos

Escala das Auto-Avaliações Nucleares (EA-AN) (Cruz, 2009). A EA-AN é uma versão adaptada para português da Core Self-Evaluations Scale, originalmente desenvolvida por Judge e colaboradores (2003), tendo por objectivo medir as auto-avaliações nucleares (auto-estima, crenças de auto-eficácia generalizada, locus de controlo, auto-estima e estabilidade emocional) numa única dimensão. Inclui 12 itens, respondidos numa escala Likert que varia entre 1 (Discordo Totalmente) e 4 (Concordo totalmente) na amostra 1, e entre entre 1 (Discordo Totalmente) e 5 (Concordo totalmente) na amostra 2. O score total é calculado pelo somatório dos valores atribuídos aos 12 itens da escala. Valores mais elevados indicam auto-avaliações nucleares mais positivas.

Escala de Avaliação Cognitiva da Competição Desportiva- Percepção de Ameaça e Percepção de Desafio (EACCD-PA-PD). Este instrumento foi desenvolvido por Cruz (2009),

tendo por base um instrumento destinado a avaliar a percepção de ameaça, a Escala de Avaliação Cognitiva da Competição Desportiva- Percepção de Ameaça (Cruz, 1994, 1996; Dias, Cruz, & Fonseca, 2009). Esta foi desenvolvida com base nos trabalhos de Lazarus e colaboradores (Lazarus & Folkman, 1984; Lazarus, 1991) e tem por objectivo medir a avaliação cognitiva primária, que reflecte "uma avaliação do significado, para o bem-estar pessoal, daquilo que está a acontecer na relação pessoa-ambiente" (Lazarus, 1991, p. 87). Tendo em consideração que a competição desportiva também pode ser avaliada como um desafio (Jones, Meijen, McCarthy, & Sheffield, 2009; Lazarus, 1991, 2000), foi acrescentada uma nova subescala de percepção de desafio. Deste modo, esta nova escala inclui um total de 16 itens, distribuídos por duas subescalas: Percepção de Ameaça (PA), com 11 itens (ex: "Penso que posso não ter o rendimento que quero ou que pretendo ter"), variando entre um mínimo de 11 e um máximo de 55; e a Percepção de desafio (PA) que engloba 5 itens (ex: "Fico motivado(a) para aumentar o meu esforço e dar o meu máximo"), variando entre 5 e 25. Todos os itens são respondidos numa escala tipo Likert de 5 pontos (1=Não se aplica; 5=Aplica-se muito)

Escala Breve Auto-Controlo (EAC). Esta escala foi originalmente desenvolvida por Tangney, Baumeister e Boone (2004) e traduzida e adaptada para Português por Cruz (2008). Esta medida pretende avaliar as diferenças individuais no traço de auto-controlo e já foi testada e aplicada em diferentes contextos de realização (Duckworth, Kirby, Tsukayama, Berstein, & Ericsson, 2011; Finkenauer, Engels, & Baumeister, 2005). A EAC, na sua versão reduzida, é constituída por um total de 13 itens, respondidos numa escala tipo Likert de 1 (Nada) a 4 (Muito). A título de exemplo, esta inclui itens como: "Faço certas coisas que são más para mim, se forem divertidas" e "Eu sou bom a resistir a tentações". O "score" total desta escala é obtido através da soma dos seus itens, variando entre um mínimo de 13 e um máximo de 52. Uma pontuação mais elevada indica maior capacidade de auto-controlo.

Escala de Regulação Emocional Durante a Competição Desportiva (EREDCD). Esta escala foi traduzida e adaptada por Cruz (2009) e tem por objectivo avaliar as estratégias de regulação emocional utilizadas pelos atletas durante a competição desportiva. Esta medida consiste numa versão traduzida e adaptada para o contexto desportivo de uma versão da escala de regulação emocional durante os festes, originalmente desenvolvida por Schutz, Distefano, Benson e Davis (2004). Deste modo, esta escala inclui um total de 47 itens distribuídos por 4 factores que, por sua vez, englobam 8 subescalas. Mais especificamente, os processos de avaliação cognitiva (que inclui a congruência dos objectivos, acção/influência pessoal e a eficácia na resolução de problemas); processos de focalização na tarefa, processos de "reganhar" a focalização na tarefa (que engloba a redução da tensão e a reavaliação da importância da situação) e os processos focalizados nas emoções (incluindo os pensamentos "optimistas/desejosos" e a auto-culpabilização. Os itens são respondidos numa escala tipo Likert de 5 pontos (1="Quase Nunca"; 5="Quase Sempre") e o score total das subescalas corresponde ao somatório dos respectivos itens.

Procedimentos

Os atletas responderam individualmente às medidas e instrumentos acima descritos. Após a explicação dos objectivos do estudo, procurou-se minimizar potenciais efeitos da deseabilidade social, bem como reforçar a honestidade e sinceridade nas respostas, através de indicações expressas de não haver respostas correctas ou incorrectas e da confidencialidade dos dados (Cruz & Viana, 1996). Posteriormente, foi entregue aos atletas um envelope com o questionário e um consentimento para o próprios, e para o pais, no caso de atletas menores de 18 anos.

RESULTADOS

Realizou-se uma análise factorial exploratória (AFE) com o objectivo de analisar a estrutura factorial da versão portuguesa da EA-AN. Neste estudo, recorreu-se ao método de rotação

varimax, tendo em consideração os procedimentos utilizados na versão original (Judge et al., 2003). Foram testadas diferentes estruturas para esta escala com base em estudos anteriores (2, 3 e 4, factores). Deste modo, e considerando o modelo teórico subjacente a esta escala, optou-se por manter a estrutura unidimensional da versão original, com um factor explicativo de 29,1% da variância, para a Amostra 1, e 30,0% da variância para a Amostra 2. Na Amostra 1, todos os itens apresentaram saturações superiores a .34, o que é considerado um valor aceitável (Tabachnick & Fidell, 2007), tendo a análise de fidelidade revelado um *alpha* de Cronbach de .78. Na Amostra 2, o item 10 revelou uma saturação inferior ao desejável. Contudo, a sua eliminação da escala não aumentava os índices de consistência interna o que, aliado aos resultados obtidos na Amostra 1 e ao facto de a Amostra 2 ser mais reduzida, justificou a sua retenção no factor único.

Tabela 8 - Estrutura factorial e consistência interna da Escala de Auto-Avaliações Nucleares para as Amostras 1 e 2

Item	Amostra 1	Amostra 2
Item 1	.52	.39
Item 2	.56	.60
Item 3	.56	.49
Item 4	.58	.68
Item 5	.46	.50
Item 6	.40	.66
Item 7	.64	.61
Item 8	.71	.66
Item 9	.34	.53
Item 10	.48	.25
Item 11	.64	.46
Item 12	.47	.58
Alpha de Cronbach	.78	.77

De seguida procedeu-se à análise das associações entre as variáveis psicológicas estudadas e a EA-AN através de correlações de Pearson (Tabela 2). Na Amostra 1, relativamente às estratégias de regulação emocional, verificaram-se associações positivas com os processos de avaliação cognitiva ($r = .17, p < .05$), bem como as subescalas de congruência dos objectivos, ($r = .13, p < .05$) e eficácia na resolução de problemas ($r = .27, p < .001$). Os processos de focalização na tarefa também revelaram uma associação positiva com a EA-AN ($r = .19, p < .01$), assim como os processos de "reganhar" focalização na tarefa ($r = .17, p < .05$). No entanto, foram encontradas associações negativas com os processos focalizados nas emoções ($r = -.32, p < .001$) e com as suas subescalas, pensamentos optimistas/desejosos ($r = -.22, p < .001$) e auto-culpabilização ($r = -.22, p < .01$). Por, verificou-se uma associação positiva com auto-controlo ($r = .38, p < .001$) e negativa com percepção de ameaça ($r = -.36, p < .001$).

Na Amostra 2, os resultados das correlações tiveram padrões idênticos aos apresentados na Amostra 1, com a excepção de algumas das estratégias de regulação emocional que, ao contrário da Amostra 1, não estavam correlacionadas com as auto-avaliações nucleares: processos de "reganhar" focalização na tarefa ($r = .06$, n.s.), e as suas subescalas redução da tensão ($r = .11$, n.s.) e reavaliação da importância ($r = -.01$, n.s.) (Tabela 2).

Tabela 9 - Correlações de Pearson entre a Escala de Auto-Avaliações Nucleares e as restantes variáveis em estudo para as Amostras 1 e 2

	Amostra 1 (N=226)		Amostra 2 (N=94)	
	M (DP)	Correlação EA-AN	M (DP)	Correlação EA-AN
Auto-avaliações Nucleares	2.84(.41)		3.42 (.50)	
Regulação Emocional Durante a Competição Desportiva				
<i>Processos de avaliação cognitiva</i>				
Congruência dos objectivos	55.94 (7.93)	.22**	55.16 (7.38)	.32**
Acção/Influência pessoal	22.09 (4.50)	.13*	22.07 (3.99)	.26*
Eficácia na resolução de problemas	19.72 (2.84)	.02	19.36 (2.40)	-.02
<i>Processos de focalização na tarefa</i>	14.16 (2.59)	.27***	13.72 (2.64)	.52***
<i>Processos de "reganhar" focalização na tarefa</i>	22.32 (3.35)	.19**	25.03 (4.54)	.07
Redução da tensão	32.86 (5.57)	.17*	34.69 (4.97)	.06
Reavaliação da importância	18.47 (3.40)	.12	18.83 (3.11)	.11
<i>Processos focalizados nas emoções</i>	14.38 (3.80)	.14*	15.86 (3.61)	-.01
Pensamentos Optimistas/desejosos	33.31 (7.27)	-.32***	36.14 (4.97)	-.57***
Auto-culpabilização	13.07 (4.49)	-.27***	15.62 (5.25)	-.47***
Auto-controlo	20.15 (4.55)	-.22**	20.52 (4.07)	-.48***
Avaliação cognitiva da Competição Desportiva	46.52 (7.11)	.38***	43.64 (8.63)	.48***
Percepção de Ameaça	31.69 (8.44)	-.36***	37.09 (7,16)	-.40***
Percepção de Desafio	19.87 (3.68)	-.04	20.07 (3.29)	.10

CONCLUSÕES

O objectivo deste estudo era traduzir e adaptar a Escala de Auto-Avaliações Nucleares (Judge et al., 2003) para a população portuguesa. Os resultados obtidos na avaliação da estrutura factorial da versão portuguesa desta escala permitem-nos considerar como aceitável a estrutura original de um factor, em detrimento das estruturas de dois e quatro factores testadas. Não sendo um instrumento especificamente dirigido ao desporto, tanto na versão original, como na versão portuguesa, a sua adaptação abre a possibilidade para a utilização da escala noutros contextos de rendimento na população portuguesa. Além disso, esta parece ser promissora na identificação de diferenças individuais ao nível das variáveis disposicionais que estão subjacentes aos processos de motivação, auto-regulação e avaliação cognitiva nos inúmeros contextos de rendimento.

Com efeito, neste estudo pudemos observar uma relação entre as avaliações cognitivas e as auto-avaliações nucleares, indicando que indivíduos que realizavam auto-avaliações mais positivas sobre si próprios tinham níveis inferiores de percepção de ameaça. Estes resultados são congruentes com aqueles encontrados por Harris e colaboradores (2009), sugerindo que as auto-avaliações nucleares mais positivas estarão na origem da percepção de menos stressores, ou de uma maior tolerância ao impacto negativo destes no rendimento. Será, por isso, interessante estudar futuramente o papel de mediação destes traços nucleares nos processos emocionais, nomeadamente nas avaliações cognitivas, geração de emoções e processos de regulação das mesmas.

No que respeita às estratégias de regulação emocional, os resultados apresentados corroboram em parte a investigação mencionada na revisão sistemática da literatura levada a cabo por Kammeyer-Mueller e colaboradores (2009), que indicava que as auto-avaliações nucleares estavam relacionadas com mais estratégias de resolução de problemas, menos coping de evitamento, e uma relação menos forte com o coping centrado nas emoções. Neste sentido, os indivíduos com auto-avaliações nucleares mais positivas utilizavam também mais processos de avaliação cognitiva (relacionados com a propensão para perspectivar a congruência dos objectivos e lidar activamente com os problemas encontrados), e menos processos focalizados nas emoções, cujas subescalas, no caso do instrumento utilizado, estão relacionadas com pensamentos desejosos e auto-culpabilização. O facto de os indivíduos se avaliarem como mais competentes e em controlo das suas vidas poderá estar na origem da sua capacidade para reavaliar a congruência dos seus objectivos, como também estarão menos vulneráveis à auto-culpabilização e à atribuição do seu rendimento a "milagres" que não estão sob o seu controlo. No que respeita aos processos de focalização na tarefa e "reganhar" focalização na tarefa, a relação encontrada na Amostra 1 era reduzida, apesar de significativa, e não significativa na Amostra 2, sugerindo que haverá uma relação marginal entre a auto-avaliação que os indivíduos fazem acerca de si mesmos e tentativas conscientes para manter o foco na tarefa ou reganhar o foco na mesma, reavaliando a importância da situação.

Por fim, os indivíduos que realizavam auto-avaliações nucleares mais positivas tinham também níveis maiores de auto-controlo. Estes resultados estão em linha com a dimensão de locus de controlo, em que os indivíduos vêem os acontecimentos como sendo causados pelo seu próprio comportamento (Judge et al., 2003). Este estudo vem também corroborar os resultados do estudo de Tangney e colaboradores (2004), que demonstraram que o auto-controlo estava associado positivamente com dois dos traços das auto-avaliações nucleares, a auto-estima e a estabilidade emocional. A forte associação encontrada em ambas as amostras deste estudo entre auto-controlo e auto-avaliações nucleares vem reforçar a necessidade de explorar a relação entre estes dois constructos e sua associação com medidas de ajustamento psicológico e de rendimento. Por exemplo, o auto-controlo está associado com a capacidade para definir e perseverar em objectivos a longo prazo (Duckworth, Quinn, & Tsukayama, 2011), pelo que seria importante explorar o seu papel na motivação e compromisso com objectivos intrínsecos ou extrínsecos (Erez & Judge, 2001). De igual modo, considerando o elevado valor preditivo do auto-controlo no rendimento académico (e.g., Duckworth & Seligman, 2005) e das auto-avaliações nucleares no rendimento no trabalho (e.g., Judge et al., 2000), a conjugação desta duas variáveis poderá contribuir ainda mais para o aumento da capacidade preditiva de ambas nos diferentes contextos de realização.

Concluindo, este estudo surge como uma primeira etapa na validação e adaptação da EA-AN para o contexto português. O facto de a amostra ser relativamente reduzida poderá estar na origem do facto de o factor único explicar uma variância relativamente reduzida (Tabachnick & Fidell, 2007). Desta maneira, seria crucial a realização de mais estudos sistemáticos que avaliem as propriedades psicométricas desta medida numa amostra mais alargada, bem como em contextos desportivos diferentes, modalidades específicas e níveis competitivos. Adicionalmente, deverá explorar-se a relação do factor único com os outros constructos associados a este factor latente, comparando com os estudos anteriores. Tendo em conta as diferenças culturais, mas sobretudo contextuais do estudo original e do presente estudo (enquanto o primeiro foi realizado em contexto de trabalho, o segundo foi aplicado no desporto), uma revisão dos itens e da sua formulação também poderão vir a ser necessárias.

AGRADECIMENTOS

Este estudo foi realizado com o apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Ministério da Educação e Ciência) no âmbito das bolsas SFRH/BD/46206/2008 e SFRH/BD/64731/2009.

CONTACTO PARA CORRESPONDÊNCIA

Joana Osório
A/C José Fernando A. Cruz
Escola de Psicologia (EPSI)
Campus de Gualtar
4710-057 Braga
Email: joanamaría.osorio@gmail.com

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bono, J. E., & Judge, T. A. (2003). Core self-evaluations: a review of the trait and its role in job satisfaction and job performance. *European Journal of Personality, 17*, S5–S18. doi:10.1002/per.481
- Brunborg, G. S. (2008). Core Self-Evaluations: A predictor variable for job stress. *European Psychologist, 13*, 96–102. doi:10.1027/1016-9040.13.2.96
- Cruz, J. F. A. (1994). *Stress, ansiedade e rendimento na competição desportiva: A importância das competências e processos psicológicos*. Universidade do Minho.
- Cruz, J. F. A. (1996). *Stress, ansiedade e rendimento na competição desportiva*. Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia da Universidade do Minho.
- Dias, C., Cruz, J. F. A., & Fonseca, A. M. (2009). Anxiety and coping strategies in sport contexts: a look at the psychometric properties of Portuguese instruments for their assessment. *The Spanish Journal of Psychology, 12*, 338–48.
- Duckworth, A. L., Kirby, T. A., Tsukayama, E., Berstein, H., & Ericsson, K. A. (2011). Deliberate practice spells success: Why grittier competitors triumph at the national spelling bee. *Social Psychology and Personality Science, 2*, 174–181. doi:10.1177/1948550610385872
- Duckworth, A. L., Quinn, P. D., & Tsukayama, E. (2011). What no child left behind leaves behind: The roles of IQ and self-control in predicting standardized achievement test scores and report card grades. *Journal of Educational Psychology, 103*(7), 628–640. doi:10.1037/a0026280
- Erez, A., & Judge, T. A. (2001). Relationship of core self-evaluations to goal setting, motivation, and performance. *Journal of Applied Psychology, 86*, 1270–1279. doi:10.1037//0021-9010.86.6.1270
- Finkenauer, C., Engels, R., & Baumeister, R. (2005). Parenting behaviour and adolescent behavioural and emotional problems: The role of self-control. *International Journal of Behavioral Development, 29*, 58–69. doi:10.1080/01650250444000333
- Harris, K. J., Harvey, P., & Kacmar, K. M. (2009). Do social stressors impact everyone equally? An examination of the moderating impact of core self-evaluations. *Journal of Business and Psychology, 24*, 153–164. doi:10.1007/s10869-009-9096-2
- Heilmann, T., & Jonas, K. (2010). Validation of a German-language core self-evaluations scale. *Social Behavior and Personality: an international journal, 38*, 209–225. doi:10.2224/sbp.2010.38.2.209
- Jones, M., Meijen, C., McCarthy, P. J., & Sheffield, D. (2009). A theory of challenge and threat states in athletes. *International Review of Sport and Exercise Psychology, 2*, 161–180.
- Judge, T. A., & Bono, J. E. (2001). Relationship of core self-evaluations traits—self-esteem, generalized self-efficacy, locus of control, and emotional stability—with job satisfaction and job performance: A meta-analysis. *Journal of Applied Psychology, 86*, 80–92. doi:10.1037//0021-9010.86.1.80
- Judge, T. A., Bono, J. E., & Locke, E. A. (2000). Personality and job satisfaction: The mediating role of job characteristics. *Journal of Applied Psychology, 85*, 237–249. doi:10.1037//0021-9010.85.2.237
- Judge, T. A., Erez, A., Bono, J. E., & Thoresen, C. J. (2002). Are measures of self-esteem, neuroticism, locus of control, and generalized self-efficacy indicators of a common core construct? *Journal of Personality and Social Psychology, 83*, 693–710. doi:10.1037//0022-3514.83.3.693

- Judge, T. A., Erez, A., Bono, J. E., & Thoresen, C. J. (2003). The Core Self-Evaluations Scale (CSES): Development of a measure. *Personnel Psychology, 56*, 303–331. doi:10.1111/j.1744-6570.2003.tb00152.x
- Judge, T. A., Locke, E. A., & Durham, C. C. (1997). The dispositional causes of job satisfaction: A core evaluations approach. In L. L. Cummings & B. M. Straw (Eds.), *Research in Organizational Behavior* (pp. 151–188). Greenwich, CT: JAI Press.
- Judge, T. A., Locke, E. A., Durham, C. C., & Kluger, A. N. (1998). Dispositional effects on job and life satisfaction: The role of core evaluations. *The Journal of Applied Psychology, 83*, 17–34.
- Judge, T. A., Van Vianen, A. E. M., & De Pater, I. E. (2004). Emotional stability, core self-evaluations, and job outcomes: A review of the evidence and an agenda for future research. *Human Performance, 17*, 325–346. doi:10.1207/s15327043hup1703_4
- Kammeyer-Mueller, J. D., Judge, T. A., & Scott, B. A. (2009). The role of core self-evaluations in the coping process. *Journal of Applied Psychology, 94*, 177–195.
- Lazarus, R. S. (1991). Progress on a cognitive-motivational-relational theory of emotion. *American Psychologist, 46*, 819–834.
- Lazarus, R. S. (2000). How emotions influence performance in competitive sports. *The Sport Psychologist, 14*, 229–252.
- Lazarus, R. S., & Folkman, S. (1984). *Stress, appraisal and coping*. New York: Springer.
- Schutz, P. A., Distefano, C., Benson, J., & Davis, H. A. (2004). The emotional regulation during test-taking scale. *Anxiety, Stress & Coping, 17*, 253–269. doi:10.1080/10615800410001710861
- Srivastava, A., Locke, E. A., Judge, T. A., & Adams, J. W. (2010). Core self-evaluations as causes of satisfaction: The mediating role of seeking task complexity. *Journal of Vocational Behavior, 77*, 255–265. doi:10.1016/j.jvb.2010.04.008
- Stumpp, T., Muck, P. M., Hülshager, U. R., Judge, T. A., & Maier, G. W. (2010). Core Self-Evaluations in Germany: Validation of a German measure and its relationships with career success. *Applied Psychology, 59*, 674–700. doi:10.1111/j.1464-0597.2010.00422.x
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. (2007). *Using multivariate statistics*. Boston: Allyn and Bacon.
- Tangney, J. P., Baumeister, R. F., & Boone, A. L. (2004). High self-control predicts good adjustment, less pathology, better grades, and interpersonal success. *Journal of personality, 72*(2), 271–324.